



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO

À LITUÂNIA, LETÔNIA E ESTÔNIA

[22-25 DE SETEMBRO DE 2018]

ENCONTRO ECUMÊNICO COM OS JOVENS

DISCURSO DO SANTO PADRE

Estónia - Igreja Luterana de São Carlos em Tallinn

Terça-feira, 25 de setembro de 2018

[Multimídia]

Queridos jovens!

Obrigado pela vossa calorosa recepção, os vossos cânticos e os testemunhos de Lisbel, Tauri e Mirko. Agradeço as palavras amáveis e fraternas do Arcebispo da Igreja Evangélica Luterana da Estónia, Urmas Viilma, bem como a presença do Presidente do Conselho das Igrejas da Estónia, o Arcebispo Andres Põder, a do Bispo D. Philippe Jourdan, Administrador Apostólico da Estónia, e dos outros representantes das diversas confissões cristãs presentes no país. Agradeço também a presença da Senhora Presidente da República.

É sempre bom reunir-nos, partilhar testemunhos da vida, expressar o que pensamos e queremos; e é muito bom estarmos juntos, nós que cremos em Jesus Cristo. Estes encontros tornam realidade o sonho de Jesus na Última Ceia: «Que todos sejam um só (...) para que o mundo creia» (Jo 17, 21). Se fizermos esforço por nos vermos como peregrinos que fazem o caminho juntos, aprenderemos a abrir com confiança o coração ao companheiro de estrada, sem cultivar suspeitas nem difidências, olhando apenas para aquilo que realmente procuramos: a paz diante do rosto do único Deus. E, uma vez que a paz é artesanal, ter confiança nos outros é também algo de artesanal, constitui uma fonte de felicidade: «Felizes os pacificadores» (Mt 5, 9). E esta

estrada, este caminho, não o fazemos só com os crentes, mas com todos. Todos têm qualquer coisa a dizer-nos; e nós, a todos, temos algo a dizer.

O grande quadro que se encontra na abside desta igreja contém uma frase do Evangelho de São Mateus: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (*Mt* 11, 28). Vós, jovens cristãos, podeis identificar-vos com alguns elementos deste texto do Evangelho.

Nas narrações anteriores, o evangelista mostra-nos que Jesus tem vindo a acumular decepções. Primeiro, lamenta-Se porque parece que, para aqueles a quem Se dirige, nada está bem (cf. *Mt* 11, 16-19). A vós, jovens, acontece muitas vezes que os adultos ao vosso redor não sabem o que querem ou esperam de vós; ou, quando vos veem muito felizes, ficam desconfiados; e, se vos veem angustiados, relativizam o sucedido. Na consultação preliminar do Sínodo, que está para se realizar e vai refletir sobre os jovens, muitos de vós pedem que alguém vos acompanhe e compreenda sem julgar e saiba escutar-vos bem como dar resposta às vossas questões (cf. [Sínodo dedicado aos jovens, *Instrumentum laboris*](#), 132). Às vezes, as nossas Igrejas cristãs – e ousaria dizer todo o processo religioso estruturado institucionalmente – carregam consigo atitudes nas quais nos é mais fácil falar, aconselhar, propor a partir da nossa experiência, do que escutar, do que se deixar interpelar e iluminar por aquilo que vós viveis. Muitas vezes, sem dar por isso, as comunidades cristãs fecham-se e não escutam as vossas inquietações. Sabemos que vós quereis e esperais «ser acompanhados, não por um juiz inflexível nem por um pai receoso e superprotetor que gera dependência, mas por alguém que não tem medo da sua própria fraqueza e sabe fazer resplandecer o tesouro que guarda dentro de si, como num vaso de barro (cf. *2 Cor* 4, 7)» (*Ibid.*, 142). Aqui, hoje, quero-vos dizer que desejamos chorar convosco se estais a chorar, acompanhar com os nossos aplausos e nossos sorrisos as vossas alegrias, ajudar-vos a viver o seguimento do Senhor. Vós jovens, rapazes e moças, fixai isto: quando uma comunidade cristã é verdadeiramente cristã não faz proselitismo. Apenas escuta, acolhe, acompanha e caminha; mas não impõe nada.

Jesus queixa-Se também das cidades que visitou, nelas realizando mais milagres e reservando-lhes maiores gestos de ternura e proximidade, e lamenta a sua falta de perspicácia para perceber que a mudança que lhes viera propor era urgente, não podia esperar. Chega mesmo a dizer que são mais relutantes e cegos do que Sodoma (cf. *Mt* 11, 20-24). E quando nós, adultos, nos fechamos a uma realidade que é já um facto, dizeis-nos com ousadia: «Não o vedes?». E alguns mais decididos têm a coragem de dizer: «Não vos dais conta de que já ninguém vos escuta, nem crê em vós?». Verdadeiramente precisamos de nos converter, de descobrir que, para estar ao vosso lado, devemos derrubar muitas situações que, em última análise, são aquelas que vos afastam.

Sabemos – assim no-lo dissestes vós – que muitos jovens não nos pedem nada, porque não nos consideram interlocutores significativos na sua existência. É triste, quando uma Igreja, uma

comunidade se comporta de tal maneira que os jovens pensem: «Estes não me dirão nada que sirva para a minha vida». Antes, alguns pedem expressamente para serem deixados em paz, sentem a presença da Igreja como algo molesto e até irritante. Isto é verdade! Indignam-lhes os escândalos económicos e sexuais contra os quais não veem uma clara condenação, o não saber interpretar adequadamente a vida e a sensibilidade dos jovens por falta de preparação, ou o papel simplesmente passivo que lhes atribuímos (cf. [Sínodo para os jovens, *Instrumentum laboris*](#), 66). Estes são alguns dos vossos pedidos. Queremos dar-lhes resposta, queremos ser – como vós mesmos dizeis – uma «comunidade transparente, acolhedora, honesta, atraente, comunicativa, acessível, alegre e interativa» (*Ibid.*, 67), isto é, uma comunidade sem medo. Os medos fecham-nos. Os medos impelem-nos a ser proselitistas. Mas a fraternidade é coisa diferente: o coração aberto e o abraço fraterno.

Antes de chegar ao texto evangélico gravado no cimo deste templo, Jesus começa por elevar um hino de louvor ao Pai. Fá-lo porque Se dá conta de que aqueles que compreenderam, aqueles que captam o centro da sua mensagem e da sua pessoa, são os pequeninos, aqueles que têm a alma simples, aberta. E ao ver-vos assim reunidos a cantar, maravilhado, uno-me à voz de Jesus, porque vós, apesar da nossa falta de testemunho, continuais a descobrir Jesus dentro das nossas comunidades. Pois sabemos que, onde está Jesus, há sempre renovação, existe sempre a oportunidade de conversão, de deixar para trás tudo o que nos separa d'Ele e dos nossos irmãos. Onde está Jesus, a vida tem sempre sabor de Espírito Santo. Aqui, hoje, vós sois a atualização daquela maravilha de Jesus.

Então digamos de novo «vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (*Mt* 11, 28), mas digamo-lo convencidos de que, para além dos nossos limites, das nossas divisões, Jesus continua a ser o motivo para estarmos aqui. Sabemos que não há alívio maior do que deixar Jesus carregar as nossas opressões. E sabemos também que há muitos que ainda não O conhecem e vivem na tristeza e sem rumo. Há cerca de dez anos, uma vossa cantora famosa dizia numa de suas canções: «O amor está morto, o amor foi-se embora, o amor já não mora aqui» (Kerli Kõiv, *O amor está morto*). Isso não, por favor! Façamos com que o amor permaneça vivo, e todos nós devemos trabalhar por isso! E muitos são os que fazem esta experiência: veem que acaba o amor dos seus pais, que se dissolve o amor de casais recém-casados; sentem uma íntima tristeza, quando a ninguém importa que tenham de emigrar à procura de trabalho ou quando se olha para eles com desconfiança porque são estrangeiros. Dá a impressão que o amor esteja morto – como dizia Kerli Kõiv –, mas sabemos que não é assim; e temos uma palavra a dizer, algo para anunciar, com poucas palavras e muitos gestos: é que vós sois a geração mais da imagem, a geração mais da ação que da especulação, da teoria.

E isto é do agrado de Jesus, porque Ele passou fazendo o bem e, na sua morte, preferiu o gesto forte da cruz às palavras. Estamos unidos pela fé em Jesus, e Ele espera que O levemos a todos os jovens que perderam o sentido da sua vida. E existe também para nós, crentes, o risco de perder o sentido da vida. Isto acontece quando nós, crentes, somos incoerentes. Acolhamos

juntos a novidade de que o próprio Deus traz Deus à nossa vida; uma novidade que incessantemente nos impele a partir, para ir aonde se encontra a humanidade mais ferida; aonde os homens, para além da aparência de superficialidade e conformismo, continuam a buscar uma resposta para a questão do sentido da sua vida. Mas nunca iremos sozinhos: Deus vem conosco; Ele não tem medo, não tem medo das periferias; antes, Ele mesmo Se tornou periferia (cf. *Flp* 2, 6-8, *Jo* 1, 14). Se tivermos a coragem de sair de nós mesmos, dos nossos egoísmos, das nossas ideias fechadas, e ir às periferias, encontrá-Lo-emos lá, porque Jesus nos precede na vida do irmão que sofre e é descartado. Ele já está lá (cf. Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 135).

Rapazes e moças, o amor não está morto; chama-nos e envia-nos. Pede apenas para abirmos o coração. Peçamos a força apostólica de levar o Evangelho aos outros – mas oferecendo-o, não o impondo – e renunciar a fazer da nossa vida cristã um museu de recordações. A existência cristã é vida, é futuro, é esperança! Não é um museu. Deixemos que o Espírito Santo nos faça contemplar a história na perspectiva de Jesus ressuscitado; assim a Igreja, assim as nossas Igrejas serão capazes de continuar a acolher em si mesma as surpresas do Senhor (cf. *ibid.*, 139), recuperando a sua própria juventude, a alegria e a beleza de que falava Mirko, da noiva que vai ao encontro do Senhor. As surpresas do Senhor. O Senhor surpreende-nos, porque a vida sempre nos surpreende. Continuemos para diante, ao encontro destas surpresas. Obrigado!